

## Considerações acerca dos efeitos de segregação no espaço escolar

Fábio Henrique Silva<sup>1</sup>

Freud (1910), em suas *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*, ressalta que a escola deveria dar aos adolescentes o desejo de viver, oferecendo-lhes o apoio e o amparo necessários em um período de importantes transformações em suas vidas. Se a família, como a primeira estrutura de socialização, é responsável por inserir o sujeito na cultura e, portanto, no laço social, a escola, como Freud nos ajuda a entrever, tem a função substitutiva de favorecer a abertura para o mundo social mais amplo. É possível constatar, contudo, que a escola falha nessa função.

O trabalho aqui apresentado decorre de uma pesquisa de doutorado, em andamento, cujo objetivo se constitui de uma dupla visada: verificar os efeitos de segregação no espaço escolar e investigar se os dispositivos de fala se configuram como modos de fazer frente à segregação.

Consideramos que no interior da instituição escolar, que se pretende “para todos”, as formas de classificação e de nomeação dos estudantes fazem com que *alguns* estejam impossibilitados de acessá-la plenamente.

Esta reflexão surge de um trabalho realizado em um equipamento da Assistência Social (CRAS) com um grupo de adolescentes, entre 12 e 17 anos, alocados em dois subgrupos de acordo com o turno escolar. Apresentamos o fragmento de intervenção do qual a problemática de pesquisa foi extraída.

O trabalho realizado no CRAS, apesar de apresentar uma dinâmica pré-definida, não é sem contingências. Como é possível verificar no trabalho realizado com um grupo específico de adolescentes, cujas demandas desencadearam uma reorientação da proposta previamente estabelecida.

É importante destacar que grande parte desses adolescentes frequentava o CRAS por uma demanda da escola. Há um número expressivo de encaminhamentos das escolas para os serviços de saúde, com demandas de atendimento psicológico em função de “questões comportamentais ou de aprendizagem”.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Pesquisador do grupo de pesquisa e extensão Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital. Bolsista da CAPES.

No primeiro encontro com esse grupo de adolescentes, ao recolher os temas de interesse a serem abordados nos encontros subsequentes, constatamos que o eixo que atravessava todas as questões apresentadas por eles era o laço social na escola.

Propusemos, como recurso metodológico para fazer circular a palavra, a discussão de alguns textos literários que apresentavam relação com o tema levantado pelos adolescentes. O nome do projeto definido pelo grupo foi “*Conto que te conto*”.

Os textos literários provocaram as falas dos adolescentes que, em seus relatos, descreviam experiências de racismo, assédio e violência simbólica às quais estavam expostos ou que haviam presenciado na escola, queixando-se do lugar designado a eles pelo Outro escolar. Diferentes nomeações emergiram em suas falas: *meninos indisciplinados, que não aprendem, agressivos, violentos, que não seriam nada na vida, e que a escola não era para eles*.

A partir da escuta desses jovens, surgiram as questões que deram origem a esta pesquisa: - Se as formações discursivas determinam diferentes formas de laço social, quais as formações discursivas prevalentes nesta escola? Que lugar esses adolescentes ocupam nos discursos institucionais?

A teoria lacaniana dos discursos possibilita-nos pensar o fenômeno da segregação como um efeito da aliança entre o discurso da ciência e o discurso do capitalista. Consideramos ainda que os fenômenos de segregação interpelam “o linho que tece os laços sociais contemporâneos” (Askofaré, 2009).

Askofaré (2009) pontua que entre as inserções da psicanálise no campo social, depois de Freud, a lacaniana é a que melhor cumpre esse propósito “porque ela permite investigar o que faz laço entre os *pârlêtres*, o que faz coexistir os corpos, permitindo determinar como e sob quais condições se está dentro, e, por conseguinte, como se permanece fora ou como se sai disso” (p.403) O jogo da exclusão, segundo o autor, é correlativo ao lugar reservado à singularidade no laço social.

Askofaré (2009) nos lembra, com Lacan, que na economia dos discursos não há equivalência. Há sempre um discurso que desponta como dominante e em uma posição fundadora. Segundo o autor (2009), a exclusão “é essencialmente a exclusão, por um discurso determinado, de certos modos de gozo.” (p.404)

É flagrante em nosso tempo como o modo de exclusão se exerce pelo discurso dominante, qual seja, o Discurso do Capitalista. No entanto, o que se apresenta de forma paradoxal é que nesse momento de triunfo do universal, “subsiste na superfície do laço social os fenômenos da exclusão em suas diversas formas.” (Askofaré, 2017, p.8)

A aliança entre o discurso da ciência e o discurso capitalista produz segregação. A segregação aparece como consequência do ideal de universalização que se realiza pelas leis do mercado. Os arranjos sociais passam a obedecer a um só modelo, qual seja, o modelo neoliberal de consumo, produzindo uma homogeneização das formas de viver (Soler, 1998).

É possível divisar as implicações do ideal universalizante do discurso da ciência imbricado ao do capitalismo no campo da Educação. As particularidades que se manifestam no contexto das instituições escolares logo são distinguidas e interpretadas sob o signo do fracasso, da falha ou do déficit, e recebem significações dentro das matrizes que sustentam os aparelhos discursivos sobre o normal e o patológico. Isso nos leva a supor que a Educação para Todos se sustenta em um modelo Ideal de Educação, que se realiza sobre o outro de forma previsível e ortopédica, “cujos moldes idealmente fabricados estão vazios, prontos a serem preenchidos por aqueles que a ela deverão se submeter e entregar seus corpos.” (Camargo, 2006, p.68)

Os campos da Sociologia e da Psicologia da Educação, por vias distintas, nos mostram que a ampliação do direito à educação e a perspectiva de uma escola que atenda a todos, expôs os aparatos discursivos jurídico-científicos que fundamentam práticas segregativas no contexto escolar. Arroyo (2015) aponta que há um padrão de poder-saber que condiciona as formas de segregação. Esse padrão, na construção do sistema de ensino, segrega os outros, “inferioriza, sub-humaniza, rebaixa a cidadania, porque são vistos como primitivos, incultos, irracionais” (p.24). Já a psicanálise, nos permite verificar que diante do gozo desenfreado, como efeito da ampliação do capitalismo, que ganha novos contornos na sociedade tecnocientífica, ocorre a rejeição do gozo do outro.

Retomando a escuta dos adolescentes, observa-se que ao encontrarem um espaço de escuta, puderam se haver com suas posições de sujeito, enunciando algo do desejo, o que levantou a seguinte interrogação: Esse espaço de fala poderia se configurar como um modo de resistência ao efeito desagregador que a instituição escolar promove?

À medida que esses adolescentes falavam, eles passaram a se descolar dos significantes que a escola os fixava. Eles passaram a fazer uma leitura crítica de todo o processo de escolarização, sustentando, convictamente, a imagem da escola que eles desejavam. Foi possível perceber que houve um movimento para além da queixa, alcançando as soluções de cada um para aquilo que o afetava. Nesse espaço de fala, os jovens puderam transpor um destino pré-definido a que estavam destinados pelo Outro escolar, e falaram dos seus sonhos, dos seus projetos, e do desejo de cursar a faculdade. Consideramos, finalmente, que testemunhar os relatos de segregação fez operar efeitos de enlaçamento (Koltai, 2016).

### Referências Bibliográficas:

Arroyo, Miguel G. O direito à educação e a nova segregação social e racial: tempos insatisfatórios? In: Educação em Revista. Belo Horizonte. V.31, n. 3, p.15-47, julho\setembro 2015

Askofaré, Sidi. Aspectos da Segregação. In: *A peste*. São Paulo, v.1, n. 2, p. 345-354, jul/dez. 2009.

Askofaré, Sidi. O jogo da exclusão. In: *A pestes*. São Paulo, v.1, n. 2, p. 401-407, jul/dez. 2009. (Conferência proferida no Colloque sur Exclusion.

Askofaré, Sidi. Inclusión, exclusión, segregación. El lazo social puesto a prueba por la subjetividade contemporânea. In: *Revista Internacional sobre Subjetividad, Política y Arte*. Vol.13, (1), abril 2017, p. 7-11. (Versão da conferência proferida pelo autor na abertura do VIII Congreso de Psicología del Mercosul)

Camargo, Ana Carolina C. S. *Educar: uma questão metodológica*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2006.

Freud, Sigmund. (1969). *Breves escritos: contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

Koltai, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. In: *Psicol. USP* [online]. 2016, vol.27, n.1, pp.24-30. ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>.

Soler, Collet. Sobre a segregação. In: *O brilho da infelicidade*. Org.: Bentes, Lenita; Gomes, Ronaldo Fabião. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998, p. 43-54.